

# ANOREXIA, FEMINILIDADE E MODELAGEM

**Pedro Mattos Beranger**

Mestre HCTE/UFRJ  
pberanger@gmail.com

**Francisco Barreto Araújo**

Doutorando HCTE/UFRJ  
chico.b.araujo@gmail.com

**Ricardo Silva Kubrusly**

Professor HCTE/UFRJ  
riskuby@gmail.com

Com este trabalho propomos reunir à hipótese da anorexia como sintoma contemporâneo relacionado a uma estratégia de paridade entre os sexos a discussão de que a contemporaneidade se dá num ambiente midiático que projeta um modo de ser o qual a anorexia responde.

Partindo da afirmação de que “a resposta anoréxica é articulada à problemática da sexuação no ensino de Lacan, sendo tal resposta circunscrita no impasse relativo à inexistência do universal” (PENCAK & BASTOS, 2009, p. 347) trataremos o que Lacan chama de sexuação na sua proximidade com o que Luiz Sergio Coelho de Sampaio chama de *pseudo sínteses* masculina e feminina para as discutirmos como respostas lógicas implicadas na escolha sexual e, assim, localizarmos o que se entende por “paridade sexual”.

Além disso, tomaremos a conjectura de que a anorexia responde aos discursos científico e capitalista aproximando-os ao ambiente midiático contemporâneo na figura da oferta de um “*modelo de mulher*” que entendemos estar para a resposta anoréxica sob efeito do discurso totalizante atual.

Tanto nas descrições da psiquiatria clássica, quanto na obra freudiana, o sintoma anoréxico aparece como feminino por excelência. Logo, julgamos ser de suma importância entendermos o que se compreende por feminino para que nos abasteçamos de insumos substanciais para a realização de nossos objetivos.

O termo sexuação cunhado por Lacan já nos dá uma boa indicação de como pensarmos a feminilidade.

Na direção apontada por Simone Pencak e Angélica Bastos em *Anorexia Mental e Feminilidade*, 2009, temos que aqui não se trata de uma vivência de algo de natureza biológica do sexo, mas, sobretudo, “(...) de uma ação que implica inscrever o sujeito em uma escolha sexual (...)” (IBID., p. 353)

Em outras palavras, empregar o termo sexuação nos remete aos matemas da sexuação empregados por Lacan que apontam para a distinção que se deve fazer entre o humano e o animal. Ou seja, “longe de ser um simples fato natural, masculino e feminino decorrem de uma necessidade lógica, ligada ao assujeitamento à linguagem, à significância, e que, curiosamente, reduz a facticidade do sexo unicamente à escolha entre o todo e o não-todo fálico (...)” (BERANGER & KUBRUSLY, 2009, p. 736)

Além disso, podemos reafirmar que masculino e feminino decorrem de uma necessidade lógica, tal como indicado acima, num confronto entre duas lógicas. Num confronto entra a lógica clássica com a lógica do significante.

Encarnada no cogito cartesiano, no sujeito transcendental de Kant, a primeira forma lógica, que podemos aproximar ao que entendemos por masculinidade, é responsável pelo saber que constrói outros saberes a partir de discursos já estabelecidos<sup>1</sup>. Nítida postura que se defende contra a impossibilidade de um discurso harmônico, que não seja inconsistente e universal.

Por outro lado, e por força de simetria, em termos lógicos o feminino está para a lógica do significante, do pelo menos dois. Governada pelo princípio da negação originária, esse tipo de lógica se exerce onde a queda do suposto saber consistente e universal dá lugar a outro que se sabe não todo.

Retomando o que concerne à ação de se inscrever em uma escolha sexual do sujeito, num esquema intimamente próximo às considerações anteriores, porém mais circunscrito à teoria psicanalítica, podemos localizar o masculino e o feminino quanto à função fálica.

Nela temos que, da parte do masculino, encontramos uma exceção que funda uma universalidade. Condição essa que “(...) através da existência de Um que escapa à castração (...) pode-se postular que “todo x” se submete à castração (...)” (LACAN, 1972-1973/1985 apud PENCAK & BASTOS, 2009, p. 351)

Do lado do feminino, entretanto, “(...) não existe Um que faça exceção ao conjunto; portanto não há universalidade (...)” (PENCAK & BASTOS, 2009, p. 351) Isto acarreta na consequência de que a existência desse lado permanece indeterminada, não havendo a possibilidade de um universal

no caso do feminino. O quê em Lacan se converte no lema “(...) não há A mulher, artigo definido para definir o universal (...) pois (...) por sua essência ela não é toda.” (LACAN, 1972-1973/1985 apud PENCAK & BASTOS, 2009, p. 352)

Outro ponto relevante, ainda com base no texto *Anorexia Mental e Feminilidade*, 2009, é que “o destino de homem ou mulher depende da posição do sujeito em relação à divisão dos sexos (...) É importante indicar que se mantém aí a diferença entre os sexos – na contramão de qualquer ideologia igualitária (...)”(PENCAK & BASTOS, 2009, p. 352) Fato também mencionado por Sampaio em *A Lógica Ressuscitada. Sete ensaios.*, 2000, quando chama de *pseudo síntese* tanto o masculino como o feminino, pois tanto aquela posição como esta não leva a uma completa e definida totalização. “Pelo contrário, as duas sínteses aludidas têm caráter apenas parcial, seu resultado permanecendo, concomitantemente, fechado e aberto, radicalmente incompleto, enfim desejante.” (SAMPAIO, 2000, p. 42)

Diante todo o exposto, avaliamos ter os elementos necessários para prosseguirmos na discussão a respeito da contemporaneidade e o ambiente midiático que projeta um modo de ser o qual a anorexia responde.

Partindo da anorexia como sintoma contemporâneo relacionado a uma estratégia de paridade entre os sexos, precisamos compreender tal funcionamento baseado no estabelecimento de uma exceção, que permitiria a universalidade, que buscaria anular a função do não-todo que especifica não somente o feminino, mas que é o suporte do próprio sujeito. Ou seja, “a anorexia é “uma tentativa de estabelecer uma simetria entre os dois modos de subjetivação do desejo (...) e que nós poderíamos considerá-la como uma resposta ao desejo do Outro social (...) cada um com seu desejo mas sob um modo paritário.” (CACCIALI, 2005b apud PENCAK & BASTOS, 2009, p. 353)

Dessa forma, a tentativa de se instituir uma exceção para fazer existir o todo é uma estratégia lógica, impossível, encontrada na anorexia. Tentativa pautada na impossibilidade da existência de um traço que permita que o sujeito consiga se localizar numa relação de pertinência que garanta sua feminilidade. Traço esse que julgamos ser ofertado atualmente no discurso social que “(...) valoriza a magreza como traço de pertinência que valeria como universal do conjunto das mulheres.” (IBID., p. 354)

Assim, além de endossarmos a suposição de que “(...) o aumento na frequência dos casos de anorexia nervosa, em nossos dias, corresponderia a um determinado efeito totalitário do discurso científico ou do capitalista” (RECALCATI, 2001 apud PENCAK & BASTOS, 2009, p. 356),

acrescentamos que a mulher para tornar-se mulher, em nossos dias, deixa de sê-la para tornar-se um modelo, “um modelo de mulher”. Isto nomeando-se através da imagem do corpo num enlaçamento entre o real e o imaginário largamente utilizado pelo capitalismo pós-moderno presenciado na “(...) articulação entre mídias, sensibilidade e cognição utilizando diferentes saberes” (ARAÚJO, 2010) numa estratégia que está, salientamos, para a modelagem da realidade, no sentido matemático mesmo, fruto do empobrecimento da realidade. Atividade também presenciada no sintoma anoréxico, muitas vezes presentificada na incessante contabilização em sistemas de cálculos alimentares sofisticados projetando um modo de ser calcado num modelo de corpo a ser alcançado, a aspiração anoréxica de existir como pura imagem, magra, seria a reivindicação de um lugar imaginário privilegiado e narcísico de exceção como compensação ao dano da castração.

---

<sup>1</sup> Cabe salientar que entendemos o capitalismo contemporâneo, em sua versão pós-moderna, dado na plasticidade dos discursos ao seu bel proveito.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PENCAK, S.; BASTOS, A.. Anorexia mental e feminilidade. *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, Dec. 2009. Available from

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982009000200013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982009000200013&lng=en&nrm=iso)>. access on 13 Dec. 2010. doi: 10.1590/S1516-14982009000200013.

BERANGER, P.; KUBRUSLY, R. . Por uma Ciência Feminina. *In: II Congresso Scientiarum História: Encontro Luso-Brasileiro de História da Ciência.*, 2009, Rio de Janeiro. Livro de Anais. Scientiarum Historia II. Encontro Luso-Brasileiro de História da Ciência, 2009.

SAMPAIO, L., *Lógica Ressuscitada: sete ensaios*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.

ARAÚJO, F.; KUBRUSLY, R. Mídias, Sensibilidade e Cognição. *In: Livro de Resumos do Congresso Scientiarum Historia III*. Rio de Janeiro, 2010. ISSN 2178-5376